- **LINGUAGEM ORAL**
  Dia 29 - Local: CL 18 - 14:00-18:00
  Coordenador(a): *José Carlos Gonçalves*

A EXPRESSIVIDADE DA GÍRIA

Daniela Daros Correia (PUC-SP)

O objetivo desta apresentação é destacar a gíria como recurso linguiístico usado por falantes de Língua Portuguesa em geral.

A gíria, quando usada em situações adequadas pode se tornar a linguagem mais expressiva e comunicativa para o momento.Notamos esta questão entre os jovens de todas as classes sociais e de diferentes religiões.O emprego do vocabulário gírio se dá muitas vezes de forma espontânea e expressa não somente uma maneira de pensar a realidade como também se instaura como signo de grupo, muitas vezes, radicalmente fechado.

O trabalho será desenvolvido com base no texto de Ana Rosa Cabello, em que trata especificamente da formação da gíria.

Como corpus utizado para análise, selecionei uma letra de música Rap Gospel onde as gírias aparecem de maneira marcante e de fácil entendimento para outras pessoas de outras comunidades, pelo fato de já ter se espalhado como linguagem comum.

DE OLHO EM VOCÊ

Valéria Viana Sousa

O Pronome Você surgiu, historicamente, a partir de mudanças sofridas pela forma de tratamento Vossa Mercê, locução pronominal constituída por um pronome possessivo acrescentado a um substantivo ,que teve sua origem nos fins do século XIV, em Portugal, como forma de tratamento

à realeza .Ao longo dos anos, sofrendo transformações, passa pelas formas vossa mercêvossemercêvosmecêvocê, entre outras.Nesse processo evolutivo da forma pronominal Vossa Mercê para a forma você, houve, nitidamente, um processo de simplificação fonética, no qual a locução passou da condição de polissílaba à condição de dissílaba.Interessa-nos, assim, no presente estudo, analisar como se deu a perda de massa fonética dessa locução, em quais condições, a partir de quais motivações. Enfim, estudar os motivos fonológicos que levaram a forma Vossa Mercê à forma você. Para tanto, fundamentaremo-nos em estudos fonológicos, de base gerativa,realizados sobre sílaba.

GÍRIA: MERECE CREDIBILIDADE ESSE ASSUNTO?

Letícia Morales Wanderley Marinho (PUC-SP)

Um estudo sobre o vocabulário gírio merece credibilidade e é importante, tanto quanto, qualquer outro assunto lingüístico, pois é um fenômeno social e uma realidade da língua oral.

Na maioria das vezes, quando se fala em gíria, liga-se esse assunto a grupos isolados, de baixo prestigio social, bem como os marginais. Mas esse vocabulário, tão estereotipado, não está distante das falas dos jovens e até mesmo das classes cultas, bem escolarizadas.

A gíria é um aspecto sociocultural da linguagem popular, seu vocabulário abusa das metáforas e do humor negro. São, na sua grande maioria, usadas para atacar, criticar, denegrir ou expressar sentimentos de raiva, ódio, indignação. Também é a temática dos grandes problemas da sociedade: dinheiro, fome, mortes, delitos ou uma visão irônica do mundo. Na maioria das vezes é um comportamento verbal de agressão e defesa.

O vocabulário gírio pode ser estudado sob duas perspectivas: gíria de grupo ou gíria comum.

A gíria de grupo é um vocabulário criptológico, ou seja, não tem a pretensão de se fazer entendido por outras pessoas. Esse signo de grupo configura, ao falante da gíria, uma defesa e preservação da classe, auto-afirmação e, ao mesmo tempo, agressividade contra os outros falantes que não compreendem esse vocabulário, ficando impossibilitados de interagirem.

Muitos dos vocabulários de grupos fechados têm-se integrado na sociedade, perdendo seu caráter criptológico e vulgarizando-se, passando a ser classificados como gíria comum, empregada em situações simples que não exigem maior formalidade ou onde há intimidade entre falantes.

LINGUAGEM ORAL: A GÍRIA DOS VENDEDORES DE CALÇADOS DE SÃO PAULO

Celso Antônio Bacheschi (PUC-SP)

Trabalho de pesquisa com fonte de primeira mão, realizado por meio de entrevistas com vendedores de calçados de lojas da cidade de São Paulo, em que consta um levantamento de gírias que compõem o repertório desse grupo, no qual são analisados quarenta e seis vocábulos. A análise dos exemplos considera o aspecto da expressividade, dentro do qual os vocábulos são divididos em técnicos e expressivos, os processos de formação da gíria, o caráter criptológico da linguagem e sua abrangência na cidade. Analisa-se também a questão da aceitabilidade da gíria entre os entrevistados e do preconceito lingüístico. Entre os exemplos colhidos, observa-se a

predominância da gíria de grupo, ou seja, aquela que não é compreendida por falantes que não pertencem ao grupo pesquisado. Dois aspectos foram considerados com atenção especial pela sua relevância. Em primeiro lugar, constata-se que a gíria dos vendedores das lojas de calçados de São Paulo é composta de vocábulos que não são substituídos com freqüência, ao contrário do que normalmente ocorre com a gíria de grupo, caracterizada por sua efemeridade. Em um segundo momento, analisa-se por que os vocábulos pesquisados não se têm integrado à linguagem comum, conservando seu caráter de linguagem criptológica.

MEDICINA DA PESSOA OU MEDICINA DA DOENÇA? ENQUADRES INTERACIONAIS CONFLITANTES NA INTERAÇÃO MÉDICO-PACIENTE

José Carlos Gonçalves

Esta comunicação visa divulgar o projeto de pesquisa colaborativa Comunicação é saúde: transformando encontros de serviços de saúde em contextos para a cura. O projeto busca caracterizar a natureza da interação verbal e não verbal nos processos comunicativos entre profissionais e clientes em contextos institucionalizados de serviços de saúde. A metodologia interdisciplinar se apóia na Análise do Discurso/Conversação e sua convergência com a Sociolinguística Interacional, utilizando gravações de interações entre profissionais de saúde e clientes em uma variada gama de contextos. A análise busca caracterizar os diversos gêneros discursivos característicos da interação profissional-cliente, bem como descrever os aspectos tipológicos e as suas capacidades de linguagem dominantes.A microanálise verbal e não-verbal da interação descreve os processos, pistas de contextualização, estratégias comunicativas e mecanismos lingüísticos verbais e não-verbais empregados pelos interlocutores no processo de negociação do significado das interações de trabalho. Além de contribuir para o conhecimento teórico sobre gêneros discursivos e textuais no discurso institucionalizado, a pesquisa visa contribuir para a melhoria dos processos comunicativos entre profissionais e clientes em serviços de saúde e servir de subsídios para treinamento e capacitação profissionais na área de saúde.

METALINGUAGEM E ORALIDADE EM MONTEIRO LOBATO

Simone Strelciunas Goh (USP)

O objetivo deste trabalho é resgatar a metalinguagem de Monteiro Lobato apresentada em um corpus único e demonstrar que ele registra marcas de oralidade, criando um discurso que o próprio autor denomina de "conversas em manga de camisa".

Nosso corpus será A Barca de Gleyre, obra especial que retrata quarenta anos de correspondência entre Lobato e seu amigo e escritor Godofredo Rangel.

Uma visão diferenciada do autor é retratada, enfocando concomitantemente a essa biografia, as considerações de Lobato sobre a língua nima perspectiva sincrônica.

Faz-se a seguir um apanhado descritivo das modalidades falada e escrita da língua, que auxilia nas reflexões e posicionamentos lobatianos, uma vez que o autor já reconhecia a existência dessas modalidades.

Procede-se às análises das ocorrências no discurso do autor, no que tange a sua própria metalinguagem, a presença de repetições e termos gíricos, que contribuem para tornar o texto epistolográfico "uma conversa, um duo".

Destaca-se a valiosa contribuição de Lobato, que, por meio da obra A Barca de Gleyre, traçou um panorama da língua e da literatura durante quatro décadas e que demonstra pela sua própria postura lingüística que é possível elaborar um discurso crítico com a presença de marcas de oralidade, que corroboram para a expressividade, interação e coesão textual.

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E PODER

Maria Luciana Teles de Oliveira (PUC-SP), Maria Luciana Teles de Oliveira

A língua é a mais importante forma de comunicação entre os indivíduos de uma sociedade. Por revelar-lhe a condição social, torna-se uma poderosa arma que pode ser usada contra o próprio falante, tornando-o, muitas vezes, vítima de preconceitos.

Quando pensamos nos preconceitos que a língua pode causar, lembramos das variações ali existentes. Esta variedade ocorre em todos os lugares e momentos em que há diversos tipos de pessoas, pois cada uma possui uma maneira de falar, com diferentes hábitos e convive com outras que a ela se assemelham.

Como, além de conviver com seu grupo primário, ou seja, o grupo em que seus participantes têm maior intimidade, o indivíduo também convive com outros grupos secundários(de trabalho, vendedores de lojas, enfermeiros e médicos etc), sofre constantes interferências lingüísticas. Estas interferências desenvolvem a capacidade do falante de adequar seu falar a situação em que se encontra no momento.

Ao tornar-se capaz de adequar seus hábitos lingüísticos à situação de comunicação, o indivíduo pode ser considerado culto, na medida em que pensamos neste conceito como conhecimentos ideais para atender às diferentes necessidades dos diferentes grupos sociais.

- **LINGUAGEM, PENSAMENTO/COGNIÇÃO: DA TEORIA À PRÁTICA**
  Dia 29 - Local: CL 16 - 14:00-18:00
  Coordenador(a): *Lélia Erbolato Melo*

"NÃO SEI SE É POR SER FILHO ÚNICO, PARECE MUITO MIMADO!":POR UMA REFLEXÃO SOBRE AS DIFICULDADES NA ALFABETIZAÇÃO

Tania Mikaela Garcia (UFSC), Sila Marisa de Oliveira, Síndia de A. Rech, Zuleika Feuser de Freitas

A pesquisa realizada a partir da aplicação da Bateria de Recepção e Produção da Linguagem Verbal proposta por Scliar-Cabral (2003) visa promover uma reflexão a respeito do conhecimento necessário dos princípios que fundamentam o sistema alfabético do português do Brasil e os equívocos cometidos por professores alfabetizadores em relação ao insucesso de seus alunos na fase de aprendizagem do código escrito. Muitos professores não se encontram com o preparo teórico necessário para exercerem seu papel e são muitas as confusões e generalizações

encontradas no meio acadêmico-científico, acarretando um conseqüente processo de diagnosticalização inadequada e biologização dos problemas de aprendizagem, afastando da escola a responsabilidade pelos resultados negativos na educação. Visando a auxiliar no embasamento teórico do professor, no que se refere ao conhecimento dos princípios que fundamentam o sistema alfabético do português do Brasil, o trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada na Escola Municipal Ivo Silveira, do município de Balneário Camboriú, Santa Catarina, com seis alunos de primeira série indicados pela professora regente da turma. Os dados foram obtidos através de uma pesquisa de caráter experimental, na área da Psicolingüística aplicada. Os resultados demonstram que a professora alfabetizadora, apesar de não ter aprofundado conhecimento teórico que alicerce seu discurso, identifica muitos dos problemas apresentados pelas crianças, embora atribua sua causa a fatores infundados. A partir da análise das dificuldades apresentadas pelos alunos pesquisados, apontam-se encaminhamentos adequados.

A AQUISIÇÃO DO PRONOME POSSESSIVO POR CRIANÇAS FALANTES DO PB

Flávia Carvalho Faria (UFJF)

O estudo proposto refere-se ao processo de aquisição da linguagem a partir de uma perspectiva psicolingüística. Trata-se da aquisição do pronome possessivo por crianças brasileiras entre 18 e 26 meses, aproximadamente. Os dados coletados apresentam a produção de possessivos com a seguinte característica: uma dupla referência, pessoal e de gênero, à pessoa do discurso, i.e., uma criança do sexo masculino concorda o gênero do possessivo com ele próprio, como em "meu bola". Pesquisou-se o comportamento do pronome possessivo em outras línguas românicas além do português, como o espanhol, o italiano e o francês. Para isso, levou-se em conta a principal semelhança do possessivo nessas línguas: o fato de haver, de uma forma ou de outra, uma dupla relação entre o possessivo e os termos "possuidor" e "possuído", ou seja, o possessivo concorda referencialmente com a pessoa do discurso e sintaticamente, em gênero e número, com a referência do objeto ou coisa possuído(a).Dados coletados no CHILDES, de crianças adquirindo essas línguas, apresentam o mesmo fenômeno, sugerindo que tal ocorrência não é exclusiva do processo de aquisição do PB. A pesquisa busca um tratamento fundamentado tanto num modelo teórico de língua (Programa Minimalista: Chomsky, 1995, 1999, 2001), quanto num modelo psicolingüístico (Bootstrapping Fonológico: Morgan & Demuth, 1996; Christophe et al. 1997).

A CONTRIBUIÇÃO DE PIAGET EM QUESTÃO

Ana Paula Machado Goyano Mac-kay (USP), Lélia Erbolato Melo, Jacy Perissinoto

Jean Piaget demonstrou com rigor científico o desenvolvimento cognitivo infantil dentro de uma perspectiva lógico-formal. As atividades mentais e biológicas têm como objetivo a adaptação do homem ao meio, sendo a mente dotada de estruturas cognitivas pelas quais o indivíduo intelectualmente se acomoda e se organiza em relação ao meio. A criança, em contato com ambiente, constrói seu conhecimento através de estágios até atingir o pensamento formal, onde é capaz de pensar sobre o pensar. A aquisição da linguagem está subordinada ao exercício de

uma função simbólica. As modificações no comportamento lingüístico decorrem de equilibrações estruturais ao longo do seu desenvolvimento.

A linguagem, instrumento expressivo da inteligência, acompanha a atividade da criança no período egocêntrico. A passagem dos esquemas sensório-motores para os conceptuais é gradual semdp que tais esquemas estão em vias de conceitualização neste período. Dos esquemas sensório-motores, os conceituais conservam os modos de ação generalizáveis. O conceito, em si, apresenta um semidesligamento em relação à própria atividade, anunciando o elemento característico da comunicação verbal. A construção dos significados é explicada pela evolução dos processos de assimilação/acomodação. O equilíbrio ou desequilíbrio entre estes processos é a mola propulsora do desenvolvimento: o ponto de partida é o símbolo, a princípio egocêntrico mas que aos poucos se torna social.

No período de combinações simbólicas, situações passam a ser reproduzidas, os monólogos a ser narrativas e o discurso permanece a meio caminho entre a comunicação com o outro e o monólogo (menos egocêntrico e mais socializado). A criança vai do monólogo ao diálogo e à linguagem interna.

Segundo Piaget, a linguagem é o objeto aprendido, recriado a partir de pistas contidas nela própria e, por isso, tem um caráter inicial subjetivo. É precedida pela inteligência, considerada como mecanismo de adaptação cognitiva.

A CONTRIBUIÇÃO DE VYGOTSKY EM QUESTÃO

Mariangela Garcia Lunardelli (USP)

Pesquisas atuais que examinam a situação de comunicação no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem na criança vêm seguindo um novo paradigma dentro dos estudos psicolingüísticos - a perspectiva pragmática. A "psicolingüística pragmática", segundo Bernicot (1992), teria como objetivo teorizar os comportamentos dos sujeitos reais e não potenciais; investigar a adaptação do indivíduo às situações sociais e sua performance; reconhecer que a aquisição da linguagem não se limitaria à aquisição da gramática, mas sim à aprendizagem de suas relações sociais e da relação entre enunciados e situações de comunicação. Com este propósito, retomamos e repensamos a teoria do desenvolvimento de Vygotsky, por existirem certas convergências entre o pensamento deste autor e as teorias pragmáticas atuais. A intenção é apresentar e ilustrar a contribuição do autor, a partir de pressupostos teóricos, como: a definição de signo como "meio utilizado num fim social"; a definição de linguagem como instrumento de ação social, quando dirigida ao outro; o desenvolvimento da linguagem em diversos contextos de interação social e com diferentes fins comunicativos; a manifestação das categorias inter e intra-psicológicas na aquisição e desenvolvimento da linguagem; e o aporte do outro na zona de desenvolvimento proximal (ZDP), mostrando como a interferência de uma outra pessoa ou a assistência de alguém é fundamental para a criança no processo de construção das funções psicológicas humanas. Ao final das reflexões, vemos como todas estas concepções convergem para a importância do contexto interativo e da adaptação como função essencial da linguagem.

A CONTRIBUIÇÃO DE WALLON E BRUNER EM QUESTÃO

Ana Lúcia Tinoco Cabral (PUC-SP)

As idéias de Bruner se baseiam em duas áreas de conhecimento distintas e freqüentemente distantes: a biologia da evolução e a filosofia da linguagem. Além disso, embora encare os fatos de estudo pela visão de um psicólogo, estão presentes em seu trabalho referências à lingüística, à neurologia, à sociologia. Bruner situa o fato psicológico em seu contexto real, assim como o fazia Wallon, baseando-se na atividade humana para extrair os fundamentos da psicologia. Mas a preocupação de Bruner vai além: para ele, se é necessário recorrer a outras disciplinas para dar conta do objeto de estudo psicológico. A abordagem do desenvolvimento mental apresentada por Bruner reside na ligação estreita entre a evolução, a cultura, a ação efetiva no mundo físico e social de um lado e a ontogênese comportamental de outro. Assim, para o estudo do funcionamento mental da criança em tenra idade, Bruner propõe examinar o primeiro comportamento do ponto de vista de sua função evolutiva e não apenas do ponto de vista neuropsicológico. Para Bruner, o desenvolvimento se organiza em torno de um saber fazer, saber como atingir suas intenções; uma ação comporta um sentido e um fim. Seu modelo diz respeito ao ato materialmente executado em seu confronto com as situações concretas. Também para definir "intenção", apoia-se na união de duas áreas que outros normalmente oporiam - a neuropsicologia e a filosofia da linguagem - para apresentar, em um só quadro explicativo, o estudo do desenvolvimento do saber-fazer motor e do saber-fazer de comunicação. Para Bruner, a intenção é constitutiva do saber-fazer; o efeito é também portador das condições de organização da própria ação. Este trabalho pretende apresentar as propostas gerais de Bruner a respeito do desenvolvimento da criança na primeira idade, até os dois anos, estabelecendo um paralelo entre seus postulados e os de Wallon.

AQUISIÇÃO DE NOMES E ADJETIVOS POR CRIANÇAS BRASILEIRAS: UMA ABORDAGEM PSICOLINGUISTICA

Maria Cristina Name (UFJF)

Este trabalho visa a investigar a aquisição de nomes e adjetivos por crianças brasileiras adquirindo o PB. Assumindo uma perspectiva psicolingüística, que focaliza o processo de aquisição da linguagem considerando o processamento do material lingüístico pela criança, busca-se conciliar a abordagem teórica gerativista (Chomsky, 1995, 1998, 2001) com o modelo de Bootstrapping Fonológico (Morgan & Demuth, 1996; Christophe et al. 1997). Estudos realizados com crianças adquirindo línguas diferentes do português apontam para uma importância particular das marcas morfo-fonológicas presentes nesses itens, como forma de guiar a identificação dos mesmos pela criança. No entanto, de maneira geral no português, há uma sobreposição de marcas fônicas de nomes e adjetivos. Excetuando-se alguns casos como -oso/-a (gostoso/-a, cheiroso/-a), a terminação de nomes é a mesma de adjetivos (cf. carro bonito, casa branca, ponte grande), o que poderia dificultar a distinção entre eles. Outra fonte de informação que pode ser explorada pela criança concerne à posição estrutural reservada a esses itens. Ainda que haja certa flutuação na posição do adjetivo no português, considera-se que a criança possa

privilegiar sua posição estrutural à direita do Nome no sintagma. A hipótese a ser investigada é de que a criança deverá ser particularmente sensível à distribuição complementar dos elementos Nome e Adjetivo na estrutura do português.

LINGUAGEM E COGNIÇÃO: A EXPLICAÇÃO A SALA DE AULA

Célia Esteves da Silva

A explicação como prática discursiva que mobiliza saberes cognitivos, lingüísticos, sociais e interacionais tem recebido atenção de alguns autores, como: Grize (1980), Borel, (1980) Halté (1988, 1989), Lusetti (1990) (entre outros).

A explicação como componente da prática interativa em sala de aula pouca atenção vem recebendo, ainda que represente uma parte considerável do que ocorre entre professores e alunos, e entre alunos e seus pares.

Assim, Brown e Armstrong (1984)ao examinarem as explicações produzidas em sala de aula, embora não estabelecem qualquer distinção entre aquelas produzidas pelos alunos e aquelas fornecidas pelo professor, reconhecem que para se ter uma explicação, é preciso considerar quem explica, o objeto da explicação e as pessoas a quem o objeto é explicado. No entanto, quando a explicação é produzida em situação de aquisição/aprendizagem de língua estrangeira, atividade de explicar tem uma caráter metalingüístico. Ela articula aqueles saberes citados acima a uma busca de possíveis re-categorizações e reflexões que podem ou não conduzir à apropriação de uma outra língua.

Este trabalho pretende, pois, rever os traços constitutivos do discurso explicativo, em especial na sala de aula de língua estrangeira, como também examinar a legitimidade do objeto e dos papéis dos participantes, observando o deslocamento do sujeito "explicador" e a diversidade de elementos presentes no discurso explicativo procurando com isso dimensionar o relevância das operações metalingüísticas na aquisição /aprendizagem de uma língua.

LINGUAGEM E COGNIÇÃO: A EXPLICAÇÃO NA CRIANÇA

Lélia Erbolato Melo (USP)

No presente trabalho, tomando como ponto de partida o texto de Veneziano & Hudelot (2002), procuraremos responder à questão - "quando é que a criança começa a utilizar a linguagem de maneira mais informativa tornando sua produção comunicativamente interessante, captando assim uma de suas funções pragmáticas essenciais?"

Sem dúvida, o estudo do desenvolvimento destas utilizações da linguagem é [em si] interessante para compreender como se dá ou se instaura este conhecimento de base.

Para evitar uma dispersão, elegemos como objeto de estudo, e em concordância com os autores citados, uma destas utilizações de tipo informativo, ou seja, a produção de justificação/explicação pelo interlocutor. Neste sentido, serão citados e comentados exemplos que ilustram a variedade dos usos explicativos e justificativos em crianças pequenas, considerando-se o ato de explicação como um ato comunicativo complexo que comporta um explanandum (=aquilo que deve ser explicado) e um explanans (= aquilo que explica).

Com efeito, esta conduta mostra bem o duplo interesse das utilizações da linguagem, o interesse pragmático, e seu interesse enquanto conduta reveladora dos estados intencionais e cognitivos do "outro". Antes, porém, de apresentar os referidos dados a intenção é de circunscrever a questão da Conduta Explicativa/Justificativa (CEJ) no quadro de uma abordagem funcional e interacional, enquanto uma conduta eminentemente social, amplamente dependente das condições de comunicação e interlocução, e igualmente tributária de um desenvolvimento de "saber fazer" e de "saberes sociocognitivos" (Veneziano & Hudelot, op. cit.). Para melhor compreender a especificidade da CEJ, ela será comparada também com noções conexas como a argumentação, a explicitação e a explicação causal.